



Mouamar Dinis Sequeira

Graduando em Letras Português e Respectivas Literaturas

Zitosequeira1@hotmail.com

**BRASÍLIA – 2013**

### **Expansão do islã e Civilização Saara sudanesa.**

#### **A Instituição da Escravidão na África Muçulmana e a da sua difusão.**

##### **Introdução**

A África de milênios atrás era bem diferente da atual. O deserto do Saara, pelo menos no período compreendido entre 6.000 e 2.500 a.C. , era cortado por rios, coberto de lagos, bosques e pastagens, povoado por animais selvagens e também pela raça humana. Podemos afirmar até que a área correspondente ao atual deserto era o coração do continente, já que as florestas tropicais serviriam de obstáculos para alcançar os planaltos do sul, sendo escassamente povoadas.

Foi no Saara, portanto, que se desenvolveu a primeira real civilização africana, que, a falta de melhor nome, intitulou *saaro-sudanesa*. Era uma civilização puramente neolítica, alternando agricultura e pecuária, e cobrindo de pinturas rupestres as cavernas da região. No extinto lago *teneré*, onde hoje se estende o deserto na República do Níger, cultivavam-se cereais como o sésamo, o sorgo, o *milhete*, em 5.000 a. C. Em *Meniet*, no extremo sul de Argélia, hoje também em pleno deserto, o processo do carbono-14 detectou agricultura em cerca de 3.450 a. C., mais ou menos na mesma época das evidências semelhantes em *Fayum*, no *Egipto*. Nem todos os habitantes *saarianos* eram negros ou *negroides*. Um bom número deles compunha-se de brancos ou pelo menos de morenos ou mestiços. É possível que como ainda hoje, os mais claros se dedicassem ao pastoreio de cabras, e os mais escuros, a agricultura.

Por volta de 6.000 a. C., mais notadamente entre 2.500 e 500 a. C., o clima começou a ter um progressivo ressecamento. Em consequência, enormes migrações

foram se deslocando para o Norte, Sudoeste e Leste, abandonando a região e levando a civilização para outras paragens.

Significativa parcela da população mais clara emigrou para o norte do deserto, dando origem a população mediterrânea, cuja língua (o berbere) estaria estruturada já por volta de 2.000 a.C. dela derivariam os líbios, que ameaçavam o *Egipto* faraônico; os habitantes de atual Marrocos; os ancestrais dos *tuaregh* do desertos etc.

A maioria da população negra, por sua vez, emigrou para o Sudoeste. Até hoje, na África Ocidental, grande número de povos (*haussá, ioruba, ashanti*) afirma descender de emigrantes vindos do nordeste do seu habitat atual. As pinturas pré-históricas do maciço de *Tassili* (Argélia) representam máscaras quase idênticas as dos *senufô* da atual Costa do Marfim, assim como cerimônias ainda existentes entre os poucos *fulani* (fula) que resiste ao Islã.

Branco e negro, simultaneamente, emigraram para leste, onde se estabeleceram as margens do Rio Nilo. Foram migrações sucessivas, que duraram milênios. Desde 5.000 a.C. , por exemplo, egípcios pré-dinásticos já fundiam o cobre e outros metais. Por volta de 4.000 a.C. , a densidade populacional já permitia um início de civilização urbana, que, embora culturalmente uniforme, se mantinha dividida em dois estados. Ao norte, próximo ao delta do rio, o reino do Baixo Egipto, capital Heliópolis. Ao sul, o reino do alto Nilo, capital Tebas. Este último parece ter sido o mais poderoso, pois em *céca* de 3.500 a. C. seu soberano *Menés* (ou *Hor-Aha*) desposou uma princesa do norte e unificaram os dois reinos, formaram a primeira dinastia. (Rodrigues, 1990, p. 18-19).

No entanto, a difusão do islã no continente africano se deu muito mais pelo comércio e pra migração do que por imposições militares. A expansão islâmica se deu, basicamente em três frentes:

- do noroeste do continente (região do *Magreb*), para o Saara e a África Ocidental.
- do baixo para o alto vale do Nilo, chegando ao nordeste da África (península da Somália e arredores).

- comerciantes originários da porção sul sudoeste da Península Arábica e imigrantes do subcontinente indiano, criaram assentamentos no litoral do Índico e, dali difundiu a presença muçulmana para o interior.

O Sudão era conhecido pelo árabe como país dos negros na Idade Média, primeiros contatos dos árabes com Saara remontavam aos meados dos séculos VII e as suas relações com países negros do Sudão foi aos princípios dos séculos VIII. A imigração de judaico e sírio para Sudão foi descrito por alguns viajantes árabes. Muitos povos de Sudão seguiam a religião cristã. A escravidão já era fundamental a ordem social, política e econômica de parte da savana setentrional, da Etiópia e de costa oriental africana havia vários séculos antes de 1600. O islamismo entrou no continente africano a partir dos países da África do Norte, como Marrocos e Egito, e foi uma das primeiras regiões a ser conquistadas pela expansão inicial árabe-islâmica (séculos VII e VIII). Dos séculos X a XVI, mercadores muçulmanos contribuíram para o surgimento de importantes reinos na África Ocidental, que floresceram graças ao comércio feito por caravanas que, atravessando o Saara, punham em contato o mundo mediterrâneo ao das estepes e savanas do Sudão Ocidental e África centro-ocidental (LOVEJOY, 2002. P 59). Escravidão era uma atividade organizada, sancionada pela lei e pelo costume. O processo da escravização ocorreu ao mesmo tempo com expansão Islâmica na África. O Islã era uma religião simples, fácil de adaptar por um negro, já preparando para aceitar porque circunciso e poligamia em geral, e constituía um seguro sobre a vida e a liberdade.

### **A islamização da África do Norte.**

O islamismo entrou no continente africano a partir dos países da África do Norte, como Marrocos e Egito, e foi uma das primeiras regiões a ser conquistadas pela expansão inicial árabe-islâmica (séculos VII e VIII). Dos séculos X a XVI, mercadores muçulmanos contribuíram para o surgimento de importantes reinos na África Ocidental, que floresceram graças ao comércio feito por caravanas que, atravessando o Saara, punham em contato o mundo mediterrâneo ao das estepes e savanas do Sudão Ocidental e África centro-ocidental.

O Egito então província bizantina foi primeira região da África invadida pelos árabes. A conquista foi rápida, pois as guarnições bizantinas eram pouco numerosas e a população copta não opôs nenhuma resistência, apresentando ao contrário uma boa acolhida àqueles que vinham libertá-la do jugo bizantino. Os egípcios pagavam taxaço muito pesados e eram explorados. Os coptas eram perseguidos pela igreja ortodoxa oficial bizantina em razão do seu *monofisismo*. Estas perseguições agravaram-se, as vésperas da conquista árabe, com medidas repressivas dirigidas contra a cultura e o clero coptas.

Segundo (Fasi, Mohammed. 2010. P 73) pode pensar que este enfrentamento entre as duas igrejas cristãs dos Egípcios tenham facilitado, em certa medida, a rápida conversão dos egípcios ao Islã. Numerosos foram, portanto, os coptas seduzidos pela mensagem, simples e clara, da nova religião concernente ao Deus único e ao seu profeta. Isso explica em parte a rápida propagação do Islã nos primórdios da ocupação árabe. Consequentemente, foi possível que coptas fossem perseguidos por dirigentes intolerantes e, portanto, obrigados a abjurar em grande número, porém esta foi a exceção e não a regra. Paradoxalmente, foram sob os dirigentes *fatímidas* e *ayyubidas* duas dinastias consideradas campeãs do Islã, que sujeitos não muçulmanos conheceram uma liberdade religiosa raramente atingida antes ou no futuro; esta tolerância, aproximando muçulmanos e cristãos, desdobrou-se na progressiva substituição da língua copta pelo árabe, como língua veicular.

No século VI/XII, somente os membros mais instruídos dos cleros ainda conheciam a língua copta, a tal ponto que foi necessário traduzir para o árabe os textos litúrgicos tornados ininteligível para a maioria do baixo-clero e para a grande massa de féis. Os coptas detinham numerosos postos no aparelho de estado, coletavam os impostos e ocupavam funções financeiras e administrativas; eles não eram inclusive os únicos e numerosos outros cristãos, armênios ou judeus desempenhavam funções similares. A islamização e *arabização* do Egito foram igualmente favorecidas pela contínua chegada de árabes beduínos das penínsulas e do crescente fértil, os quais se estabeleceram como agricultores, misturando-se com a população indígena copta e com isso aumentando o número de muçulmanos *arabófonos*. As conversões foram igualmente favorecidas, a partir do século V/XI, pela corrupção e pela crescente degenerescência do clero copta que ignorava completamente as necessidades espirituais de suas ovelhas. No século VII/XIII, dioceses inteiras passaram ao islã por falta de

padres, durante a interminável querela entre candidatos rivais ao patriarcado de Alexandria que interditava qualquer nova ordenação.

No momento do avanço muçulmano, a situação religiosa dos países do *Magreb* ocidental era muito mais que aquela do Egito. Os habitantes romanizados das cidades e das planícies litorâneas estava há muito tempo convertidos ao cristianismo, ao passo que as populações berberes do interior praticavam, em sua maioria, a religião tradicional africana; alguns habitantes das montanhas se haviam convertidos ao judaísmo. (Fasi, Mohammed. 2010. P 75). Sob o domínio romano e bizantino, os berberes cristianizados já manifestavam tendência cismáticas: donatistas e circunceliões, professando as mesmas teorias simples e igualitárias, revoltaram-se em varias ocasiões contra as autoridades eclesiásticas e recusou-se a pagar o imposto, provando assim uma vontade de independência e uma aversão à autoridade do estado, posturas típicas dos berberes. O processo de islamização do *Magreb* foi relativamente lento. Em algumas regiões muito isoladas e, igualmente, em cidade como Cartago ou Túnis era possível encontrar, no curso dos séculos seguintes, pequenos enclaves cristãos. No *Mzāb* do século V/XI, em *Kafsa* no século VI/XII e em algumas localidades *nafzāwa* do século VIII/XIX. A comunidade cristã da cidade de Tozeur manteve-se assim até o século XII/XVIII. No século V/XI, havia ainda 47 dioceses para o conjunto do *Magreb* e em Túnis, era no seio de uma pequena comunidade de autóctones cristão, totalmente distinta daquele dos mercadores cristãos estrangeiros, que recrutava a guarda pessoal dos sultões *hafsidas* no século IX/XV. Porém, o próprio fato de estes enclaves cristão terem suscitado, nos séculos seguintes, a curiosidade dos observadores, isso demonstra que eles já nos séculos V/IX eram um fenômeno minoritário no seio de uma maioria muçulmana. Alguns documentos papais contemporâneos deplorando a falta de padres igualmente atestam o declínio do cristianismo na África do Norte da época. A sobrevivência destas comunidades cristãs autóctones infirma, portanto a tese da conversão forçada. (Fasi, Mohammed. 2010 P. 77).

A primeira etapa foi marcada pela submissão e pela conversão numerosas “tribos berberes” que haviam oposto uma resistência selvagem frente aos exércitos árabes. As conversões alcançadas em tais circunstâncias possuíam um caráter puramente formal e provavelmente não concerniam senão aos chefes e aos anciãos dos diferentes clãs que assim reconheciam a soberania dos vencedores. Entretanto, logo que as forças árabes se retiravam ou eram expulsos cenários frequentes ao longo do século I da *hégira*, os

berberes retornavam as suas políticas tradicionais, considerando-se livres de qualquer fidelidade política ou religiosa. Em 84/703, quando a última grande rebelião berbere animada por *Al-kāhima* estava no limiar de ser esmagada, esta mulher intrépida enviou os seus filhos ao campo muçulmano, ordenando-lhe a conversão ao islã. (Fasi, Mohammed. 2010 P 77-78). Tendo compreendido que eles não lograriam assujeitar os berberes pela força, os árabes mudaram de tática: o famoso governador Mūsā ibn Nusayr dedicou-se a libertar alguns jovens prisioneiros de origem nobre, mediante a condição da sua conversão ao Islã, para lhes confiar posto de responsabilidade no exército. Esta política não tardou a trazer frutos e numerosos guerreiros berberes entraram nos exércitos árabes, seguindo os seus chefes. Os árabes foram ajudados em seus esforços de conversão dos berberes pelo sucesso da expedição da Espanha que atraiu para suas fileiras, quase imediatamente, grande número de berberes desejosos de participarem nesta conquista e receberem a sua parte do butim. Todavia, estas conversões não afetaram senão uma minoria da população; vastas zonas dos atuais Argélia e Marrocos permaneceram fora do controle dos árabes. Na realidade, foi necessário muito tempo antes que Islã penetrasse nas regiões montanhosas. No entanto, podemos dizer que no curso dos três ou quatro decênios dos séculos VIII da era cristã, o Islã progredira consideravelmente junto as população urbanas, rurais e inclusive nômades, das planícies e das regiões costeiras. Foi precisamente nesta época que postura característica dos berberes vis-à-vis dos árabes e do Islã começou a desenhar-se: embora eles estivessem dispostos a aceitar a religião do Islã e mesmo a cultura árabe, o que inclusive fizeram maciçamente, os berberes rejeitavam a dominação política de uma burocracia estrangeira representante de um soberano ausente, que humilhava os recém-convertidos e impunha-lhe pesadas taxas como se eles fossem infiéis. A este cenário vinha acrescentar-se o sentimento de injustiça demonstrado pelos guerreiros berberes do exército na Espanha, os quais se viam receber as terras menos férteis, embora tivessem participado ao menos tanto os árabes na conquista. Todas as condições estavam, portanto, dadas para a próxima etapa: a luta dos berberes contra o domínio estrangeiro encontraria a sua expressão ideológica no seio do contexto islâmico. Em sinal de protesto contra a opressão a eles imposto pelos árabes ortodoxos, as populações berberes converteram-se, na realidade, ao *Kharidjismo*, a mais antiga seita político-religiosa do Islã. O ensinamento político e religioso dos *Kharidjistas* era, a um só tempo, democrático, puritano e integrista, satisfazendo todos os pontos em relação aos quais ele se opunha radicalmente a ortodoxia absolutista do califado. Os princípios

igualitários dos Kharidjistas expressam-se pelo modo de designação do *imame* (o chefe da comunidade muçulmana): para eles, tratava-se de um posto eletivo e não hereditário acessível a qualquer muçulmano pio, desde que a sua moral e as suas convicções fossem irreprocháveis, fosse ele árabe ou não, escravo ou homem livre. (Fasi, Mohammed. 2010 P. 79). Em suas duas principais formas *ibadismo* e *sufrismo* o *Kharidjismo* expandiu-se essencialmente em meio as populações berberes das regiões desérticas, encontradas da *Tripolitânia*, ao Leste, até o Sul do Marrocos, a Oeste, passando pelo Sul de *Ifrikiya*, influenciando especialmente os berberes da grande família zanāta. A resistência berbere tampouco era dirigida contra os árabes muçulmana enquanto Taís, porém, unicamente contra a classe dirigente, eles rejeitavam vigorosamente a violência ou a arbitrariedade de um governo imposto do estrangeiro.

### **A difusão do islã, ao Sul do Saara.**

Como a islamização da África do Norte foi o resultado da grande conquista árabe, acredita-se frequentemente que a propagação desta religião na África tropical tenha acontecido segundo o mesmo esquema, ou seja, que populações locais, primeiramente conquistadas pelos árabes (ou berberes), foram em seguida obrigadas a adotar o islã. O papel desempenhado pela conquista dos invasores muçulmanos vindos do exterior foi na realidade de pouca importância, salvo no Sudão Ocidental, onde uma importância colonização árabe tivera uma importância decisiva para propagação do islã, porém mesmo neste caso, a conversão das populações locais interveio bem mais tardiamente. (HRBEK, Ivan. 2010, p 83).

A conquista das sociedades africanas por Estados locais islamizados dói um importante fator no *Tchad* e na Etiópia Meridional, embora, fato paradoxal, a extensão final do Império cristã *amhara*, no século XIX, tenha exercido uma ação bem mais profunda e duradoura para a amplitude do islã que as operações militares dos séculos precedentes. Foram possíveis aos berberes do Saara Ocidental entrar em contato com o islã por intermédio ou de guerreiros árabes, os quais haviam invadido o seu país a partir do *Sūs al- Aksā*, ou de mercadores muçulmanos, cujas caravanas vindas de *Sidjilmāsa* e de outras cidade do *Sūs AL- Aksā* haviam aparecido em rotas comerciais do Saara ocidental imediatamente após a conquista árabe do *Magreb*. A influência da cultura muçulmana junto às populações locais provavelmente foi mais forte e profunda nos raros armazéns comerciais e nos centro políticos situados nas regiões onde os

negociadores se haviam estabelecidos a títulos permanentes. Os berberes do Saara recusava islã.

O islã se propagara através do deserto até o Sudão Ocidental antes mesmo que os próprios *Magreb* e Saara fossem totalmente convertidos. Desde o século III/IX, comerciantes *ibaditas* vindo da África do Norte frequentavam *Tādmekka*, a cidade tornara-se um dos maiores centros das suas atividades missionárias junto às populações sudanesas. Em contrapartida, os escritos dos autores *ibaditas* da África do Norte abundam em detalhes sobre a rede comercial *ibadita* no Saara e Sudão, após o século II/VIII. Muitas cidades sudanesas, tais como Gana, *Gao*, *Awdāghust*, *Tādmekka*, *Ghiyārū*, *Zāfunu* e *Kūgha*, testemunharam a presença de estabelecimento de mercadores *ibaditas* vindo de *Tāhert*, de *Wargla*, do Sul tunisiano e do *Djabal Nafūsa*.

### **Escravidão na África Muçulmana.**

O estado e as classes dirigentes do Sudão ocidental, ao mesmo tempo em que os ricos comerciantes e os sábios juristas e teólogos, encontravam fontes de rendimentos tão importante, diretas e indiretas, no comércio do ouro e escravo. A influência dominante era islâmica, tanto porque o principal mercado externo de escravo era o norte da África e o Oriente Médio, quanto porque o Islã tinha se tornado uma forte influência no interior de muitos estados e sociedades na savana setentrional, no planalto da Etiópia e nas costas oriental africana, onde escravos eram utilizados em profusão. Esse comércio refletia uma demanda regular por escravos no mundo islâmico e resultava na manutenção de um contato regular entre os estados subsaarianos e as sociedades e os comerciantes muçulmanos de outras terras, que tinham uma importante influência na difusão da lei islâmica e de sua concepção de escravidão. (LOVEJOY. 2002, p 60). Embora os escravos viessem de uma fronteira comercial que se estendia por milhares de quilômetros da margem meridional do Saara, do mar Vermelho e da costa oriental africana, havia relativamente poucos pontos de exportação, e conseqüentemente o impacto do comércio era mais concentrado do que a geografia sugerir. Seis rotas principais atravessavam o deserto: uma ia do norte da antiga Gana para Marrocos; a segunda se estendia para norte, de *Tombuctu* a *Tuwat*, no Sul de Argélia; uma terceira passava do vale do Níger e cidade *hauçás* através do maciço de *Air* para *Gate* e *Gadamés*; uma quarta ia do lago Chade para *Murzuk*, na Líbia; uma quinta alcançava o norte de *Darfur*, no Sudão Ocidental, para vale do Nilo e *Assiout*; e uma sexta passava



pelo norte de uma confluência do Nilo Azul e Nilo Branco em direção ao Egito. Decomposto comércio pelas rotas principais, a África Oriental passa a ser responsável por um tráfico da ordem de 1.000 escravos por anos no período cerca de 800 d.C. a 1600; os portos do mar Vermelho provavelmente negociaram algo como 2.000 escravos por anos no mesmo período; enquanto as seis principais rotas através do Saara levaram em média de 3.000 a 8.000 por ano. Isso sugere um volume médio para cada rota de cerca de 1.000 cativos por ano. O tráfico muçulmano de escravo envolvia um fluxo regular, mas relativamente pequeno ao longo de um milênio, e apesar de nêis ocasionalmente altos em pontos específicos não chegou ao volume de escravos que caracterizava o comércio de africanos do Atlântico no seu apogeu. (LOVEJOY. 2002, p 63) No século XVI, as exportação de escravos de *Songai* e *Bornu* provavelmente atingiram o apogeu. *Songai* tinha grande quantidade de escravos a época em que o declínio das exportações em ouro provavelmente requeira um aumento das exportações de cativos para compensar a queda da receita. Os príncipes de *Songai* acumulavam escravos em ataques ao Sul. *Bornu* se expandiu consideravelmente no século XVI. A expansão muçulmana e a reação ao Islã em ambas as áreas são responsável pelo volume das exportações. Na Etiópia uma guerra santa muçulmana, conduzida pelo sultanato de *Adal*, devastou temporariamente o reino cristão e, dessa forma, da década de 1520 até a de 1540 milhares de escravos foram exportados através de mar Vermelho. Segundo Lovejoy (2002, p 64-65), a história política daqueles estados que participavam do tráfico de escravos revela que a África subsaariana não era dependente das exportações de cativos, embora o tráfico fosse provavelmente a principal fonte de receita para alguns comerciantes e governantes. A incorporação das ideias e praticas islâmicas ocorreu gradualmente durante muitos séculos, de uma forma que era interpretada de acordo com um contexto local. Nesse padrão histórico cíclico, guerreiros e políticos podiam consolidar grandes impérios, como fizeram no caso de Gana, Mali, *Songai*, *Bornu* e *Senar*. Quando as classes política e mercantil converteram-se ao islã. Adaptaram os modos de agir, antes identificados com o islã, para ambiente africano, foram incluídos títulos políticos, por exemplo, embora tais posições já existissem. O comercio externo era não apenas uma fonte de valiosas importações, mas igualmente ajudava a difundir tais instituições. Os muçulmanos assumiam cada vez mais um importante papel na pratica e na educação e em especial no comércio. A participação de estados africanos como Gana, Mali, *Songai*, *Canem*, *Senar* e *Adal* no tráfico de escravos ocorreu junto com expansão da Influência islâmica na África subsaariana. Da mesma forma, os

comerciantes muçulmanos na costa oriental africana os ancestral dos *suaíles* transferiram a concepção muçulmana de escravidão para a África negra.

### **Islã e Religiões africanas.**

A islamização dos países sudaneses, como o conjunto das evoluções e das transformações religiosas verificadas no continente africano, constitui um aspecto da história ainda mal contada. (M'BOKOLO. 2009, p 133). Comparada à cristianização, a historiografia da islamização inclui, no seu campo e nas suas problemáticas atuais, tanto pontos comuns como diferentes. Uma e outra possuem em comum a questão central do “*triumfalismo* cultural”. No caso do islã, a adesão à religião nova foi às vezes acompanhada por uma “*arabização*”, mais postulada do que real e por isso mais intransigente face às interpretações heterodoxas da história e das hagiografias normalmente aceita. Até século XI, Islã mantinha umas relações de coexistência com a religião local (religiões tradicionais africanas), largamente dominante no duplo plano do número dos adeptos e dos efeitos sociais e políticos. Teve-se razão em salientar a relativa “simplicidade” do Islã e a sua maior adaptabilidade às culturas das terras africanas, tal não permite concluir que as conversões fossem rápidas e maciças nesta fase inicial. Um bom muçulmano tinha que obrigação de cumprir os “cinco pilares” reconhecidos por todos os muçulmanos:

- A *sahada* ou profissão pública de fé (“não há outro deus além de Alá e Muhammad é o seu profeta”);
- A *salat* ou oração ritual recitada cinco vezes por dia;
- O jejum do Ramadã, uma vez por ano;
- O *zakat* ou esmola para promover as necessidades dos pobres e dos órfãos;

O *hadjdj* ou peregrinação a Meca, uma vez na vida, no caso de se possuir os meios para tal.

Segundo M'bokolo (2009, p 135) do ponto de vista das populações, o progresso da nova religião foi particularmente rápido em certos casos, em consequência da conjugação de vários fatores de ordem social, política ou geográfica: *toucouleurs*, *sarakole*, mandinga, *songai* e *kanembu* mostraram-se sensíveis ao Islã, sem que isso

significasse de resto a renúncia total e definitiva às crenças antigas. De fato e inicialmente, muito aceitaram o islã porque os primeiros chefes muçulmanos interpretavam de modo liberal o que constitui a proferição do islã, mostrando-se, portanto muito tolerantes em face de certas práticas não-islâmicas. Primeiro chefe do Sudão Ocidental a se converter ao islã tenha sido *Wār Dyābī do Takrūr*, da região do Baixo Senegal. Nenhum dos chefes possuía o poder política para impor o islã ou a lei islâmica sem correr o risco de abalar a lealdade dos não-muçilmanos. A instauração do Islã deu como resultado a ruptura da velha aliança entre os mestres do ferro e a realeza, encontrando esta de ora em diante no Islã uma fonte de legitimidade mais fecunda e recurso espiritual mais eficaz. Isso aconteceu no Mali. Aos olhos dos africanos, o islã deixava de ser a religião de brancos estrangeiros e, professado pelos próprios africanos, transformava-se em uma religião africana. A influência dessa nova classe de religiosos africanos fez-se sentir até no Sudão Central. Até o século VIII/XIV, a região que estendia do lago *Tchad* até o médio Níger e, particularmente, o país dos *hausas*, constituirá para a difusão do Islã uma espécie de branco morte, apenas levemente atingindo pelos missionários. (HEBEK, Ivan. 2010 p 97).

## CONCLUSÃO

Entre os séculos I/VII e X/XVI, o islã implantou-se em vastas regiões da África. A sua difusão não foi um processo uniforme e linear. A conquista árabe do Egito e da África do Norte, embora não tinha havido conversão forçada dos autóctones coptas e berberes, esta conquista não deixou de criar as condições econômicas e sociais que, a termo, conduziu a maioria da população local a abraçar o islã. As atividades comerciais dos muçulmanos, ou seja, primeiramente as trocas comerciais com os países longínquas, em seguida na própria região, favoreceram a islamização em boa parte da África tropical. A escravidão foi apenas uma forma de exploração que dominou a África muçulmana nesses períodos. Escravo era considerado bens movem, ela podia ser utilizada nas mesmas funções em que eram empregadas no mundo muçulmano. Podia ser soldado, administradores, concubinas, empregados domésticos e trabalhadores agrícolas. No século XI nascimento de uma classe de sábios e clero muçulmanos eruditos de origem sudanesa foi um acontecimento importante da história de Islã na África subsaariana. Vontade dos príncipes e dos governantes, iniciativa de intelectuais

ou arranjos insidiosos da memória, assistiu-se em muitos lugares a “primeira reescrita da história africana”. O islã aparecia nas épocas de glória, que eram também as épocas de submissão para os povos, como uma concessão feita às necessidades do momento.

#### REFERENCIA BIBLIOGRAFICO:

**FASI, Mohammed; HRBEK, Ivan.** “Etapas do desenvolvimento do Islã e da sua difusão na África” In: **FASI, Mohammed (Ed.)** História Geral da África – Volume III. Brasília, Unesco, 2010

**M'BOKOLO, Elikia.** “Os Estados Sudaneses” In: África Negra: História e Civilizações – Tomo I. Salvador, EDUFBA, p 122-142

**LOVEJOY, Paul E.** “Nas Fronteiras do Islã” In: A escravidão na África. Uma história de suas transformações. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002. P 59-85

**RODRIGUES, João Carlos,** In: Pequena história da África Negra. São Paulo: Globo; Brasília DF, Secretaria da Cultura da Presidência da República: Biblioteca Nacional, 1990.